Dia 25 — São Tarásio, Patriarca de Constantinopla

Nasceu São Tarásio em Constantinopla por volta da metade do século oitavo, de família ilustríssima, descendente dos antigos patrícios. Seu pai Jorge, homem de insigne probidade, havia exercido o emprego de prefeito da cidade com muita honra; e sua mãe Engrácia, também de casa patrícia, era reputada por uma das mais virtuosas senhoras da corte. Encarregou-se ela mesma da educação de seu filho e imbuiu-o desde a infância naquelas máximas de religião e de piedade que foram como a base das heroicas virtudes que brilharam no santo patriarca; e, ao mesmo tempo que por si mesma lhe ensinava com tão feliz efeito a ciência da salvação, buscou também os mais hábeis mestres que o instruíssem nas letras divinas e humanas.

Estava Tarásio dotado de tão belo natural e de engenho tão excelente que em pouco tempo se fez o jovem mais cabal que talvez se viu naquele século. Por seu extraordinário mérito foi elevado à dignidade de cônsul, em cujo emprego se portou com tão universal aceitação que o imperador e sua mãe Irene o fizeram primeiro secretário de estado. O modo com que desempenhou as obrigações deste alto cargo foi o maior elogio e o maior crédito do acerto de sua eleição. Nem o ruído da corte nem o resplendor de um emprego tão brilhante foram capazes de alterar sua virtude. Procedia em tudo com tanta prudência e com tão geral aprovação que se dizia comumente que o primeiro secretário de estado possuía todas as virtudes dos mais santos bispos. Ia-o dispondo a Providência para esta alta dignidade e, depois de ter feito em Tarásio um modelo de ministros perfeitos na corte, quis que fosse exemplar de prelados santos na Igreja.

Arrependido Paulo, patriarca de Constantinopla, de ter assinado o decreto de condenação das santas imagens, por pura fraqueza e covardia, e de ter precipitado com este seu mau exemplo uma grande parte de Constantinopla na heresia dos iconoclastas, havia-se retirado secretamente ao célebre mosteiro de Flora, onde, renunciando o patriarcado, se havia feito monge para apagar sua culpa com o pranto da penitência. Admirada a imperatriz Irene e seu filho Constantino do retiro do patriarca, foram vê-lo no mosteiro. Acharam-no enfermo na cama e, como o instassem a que voltasse a tomar o cuidado de sua igreja, Paulo lhes respondeu: — Que, tendo tido a desgraça de ter descaminhado suas ovelhas, já não podia ser seu pastor; que mais queria passar o restante de seus dias encerrado numa sepultura que ser ferido com o raio da excomunhão pela santa Sé de Roma; estando certo de que, se não fazia penitência de sua culpa, não podia esperar outra sorte no dia do juízo que a dos anjos rebeldes condenados ao fogo eterno. Concluiu suplicando instantemente a suas majestades que colocassem na cadeira patriarcal de Constantinopla um sujeito que reparasse suas faltas e que a ele lhe parecia que não se encontraria outro mais a propósito que Tarásio, primeiro secretário de estado.

Todos aplaudiram esta eleição, e só se opôs a ela Tarásio; mas, morto Paulo, a imperatriz quis absolutamente que Tarásio lhe sucedesse. Fez este quantas diligências pôde para estorvá-lo; mas, vendo que o clero e o povo o pediam, representou ao imperador que no lastimoso estado em que se achava a igreja de Constantinopla depois da heresia dos iconoclastas não poderia resolver-se a encarregar-se dela enquanto suas majestades não lhe permitissem convocar um concílio ecumênico para restituir a fé católica em sua antiga posse e reduzir a ela seu rebanho. Outorgou-se-lhe seu pedido, e foi sagrado bispo de Constantinopla no dia do Natal de 784.

Logo que se viu elevado à cadeira patriarcal, escreveu ao papa Adriano I e aos patriarcas de Antioquia, de Alexandria e de Jerusalém. Continham suas cartas sua profissão de fé e mostravam o zelo com que desejava a paz da Igreja.

A nova dignidade deu novo lustre à sua virtude. Propôs-se por modelo a pintura que faz São Paulo das obrigações de um bispo. Quanto era mais perfeito seu estado, considerava-se Tarásio mais obrigado a trabalhar por adquirir aquela eminente perfeição. Não havia virtude própria de um clérigo, não havia virtude própria de um monge que não a julgasse também própria de um bispo. Desta maneira as possuiu todas em grau tão eminente que cada uma delas parecia seu distintivo e seu caráter.

Sua modéstia, sua frugalidade na mesa e sua humildade tornavam-no ainda mais respeitável. Em nada queria ser magnífico senão em esmolas; não só dava de comer cada dia com grande esplendidez a certo número de pobres, mas ele mesmo lhes servia a comida, tendo esta obra de caridade por uma de suas primeiras obrigações. Sua casa mais parecia mosteiro que palácio. Com tais exemplos foi-lhe fácil reformar em pouco tempo o povo, os grandes e todo o clero.

Gemia o santo prelado à vista do lastimoso estrago que fazia em suas ovelhas a heresia dos iconoclastas, estendida por todo o Oriente, quando chegaram as cartas do papa Adriano para os imperadores e para o mesmo patriarca, em resposta às que este lhe havia escrito. Nelas refutava solidamente o pontífice o erro dos que se opunham ao culto das santas imagens e, exortando o imperador a que restabelecesse a fé católica no Oriente, consentia em que se celebrasse um concílio geral e dava parte de que enviava dois legados para que presidissem nele em nome da santa sé, a saber, Pedro, arcediago da igreja romana, e Pedro, presbítero e abade do mosteiro de São Sabas em Roma.

Vendo-se já Tarásio sem estorvo algum que impedisse o cumprimento de sua grande ideia, acelerou tanto a execução que no ano de 787 se achavam já juntos em Niceia 350 bispos para a celebração do concílio. Abriu-o o mesmo santo patriarca por um discurso tão cheio de piedade como de erudição e de zelo. Restabeleceu-se com unânime consentimento o culto das santas imagens, e com a mesma unanimidade se anatematizou a heresia que condenava este culto.

Desembaraçado Tarásio com tanta felicidade de negócio tão importante, dedicou-se à conversão dos hereges por todos os meios que lhe ditou sua virtude e sua prudência; instruía-os brandamente por si mesmo, com a eficácia de suas razões desvanecia suas dúvidas, com a brilhante claridade de suas luzes dissipava suas trevas, conquistava seus corações com sua doçura e caridade; e em poucos dias teve o consolo de ver convertida à fé católica toda a cidade de Constantinopla.

Depois que conseguiu a desejada ditosa união de seu amado rebanho, aplicou-se a curá-lo dos diversos achaques de que adoecia. O desregramento dos costumes, fruto comum da heresia, estava feito dono de toda classe e estado de pessoas; e a desordem e até a simonia haviam penetrado no mesmo santuário. Não se acovardou Tarásio e a um mesmo tempo empreendeu a reforma dos costumes e a restauração da disciplina eclesiástica; conseguiu uma e outra com a eloquência de seus sermões, mas muito mais com a suavidade de seu trato e com a força de seus exemplos. Mas isto foi a muita custa de desvelos e de trabalhos, porque a obstinação dos hereges e o empenho dos dissolutos deram muito que padecer a sua virtude. Notaram-no de nimiamente brando e relaxado porque recebia com facilidade à penitência os maiores pecadores; e até se adiantou a calúnia a acusá-lo a ele mesmo de simonia; mas o tempo e a paciência o justificaram plenamente, e a calúnia ficou cheia de confusão, e só serviu a malícia para aumentar nova brilhantez ao mérito do santo prelado.

Embora Tarásio fosse de gênio tão doce e tão aprazível, ninguém era mais forte, nem mais inflexível, quando se tratava da glória de Deus e se atravessavam os interesses da Igreja. Havia-se refugiado na igreja patriarcal João, estribeiro-mor da imperatriz Irene, e nenhuma diligência bastou para que o santo patriarca permitisse que fosse extraído dela, defendendo com valoroso afinco suas imunidades.

Seis anos depois, feito escravo o imperador de uma paixão torpe e abusando de sua autoridade suprema, quis repudiar a imperatriz Maria para casar-se com Teodora, uma de suas damas; e, para tornar o injusto divórcio mais plausível, dispôs que corresse pelo império a voz de que a imperatriz havia intentado dar-lhe veneno. Pôs em execução quantos meios lhe sugeriram sua paixão e seu poder para lograr o consentimento do santo patriarca: promessas, rogos e ameaças, de tudo se valeu; mas, bem persuadido aquele da inocência da imperatriz, declarou com heroica resolução que antes padeceria os mais cruéis tormentos e a mesma morte que tolerar escândalo tão público e tão pernicioso. Falou ao imperador com zelo respeitoso, mas intrépido e cheio de caridade, exortando-o vivamente a que não irritasse a cólera do céu violando a lei santa de Deus.

Mas a paixão que tinha de todo cego aquele infeliz príncipe o fez surdo às vivas exortações do patriarca. Lançou do palácio com indignidade a inocente imperatriz e, obrigando-a a encerrar-se num mosteiro, colocou Teodora em seu lugar. Como o santo bispo condenava publicamente e sem rebuço um divórcio tão escandaloso, são indizíveis as mortificações que padeceu, tanto da adulação dos cortesãos como da malignidade dos hereges, que se aproveitaram da desgraça em que o consideravam para afligi-lo com todo gênero de maus-tratos. Mas Tarásio manteve-se sempre inflexível; e contudo, fazendo juízo de que era conveniente contemporizar com o imperador, contentou-se com não lhe permitir entrar jamais no presbitério, sem passar ao extremo de declará-lo publicamente por excomungado, crendo (e com razão) que usar intempestivamente de outra conduta mais severa só serviria talvez para precipitar na heresia aquele infeliz príncipe. Nos princípios desaprovaram esta moderação os santos abades Platão e Teodoro, qualificando-a de covardia indigna de um prelado; mas com o tempo conheceram a razão e elogiaram sua prudência.

Pouco tempo depois morreu o imperador, e no mesmo instante expulsou Tarásio da igreja o presbítero João, que havia tido valor de abençoar as ilegítimas núpcias daquele desgraçado príncipe.

Voltou a ocupar o trono a imperatriz Irene, mãe do falecido Constantino, e, gozando nosso santo de tranquilidade, aproveitou-se dela para dedicar-se mais que nunca aos fervorosos exercícios de sua devoção e de seu zelo. Havia edificado e dotado de seu próprio patrimônio um mosteiro à esquerda do Bósforo. Retirava-se a ele e passava em oração e solidão todo o tempo que lhe deixavam livre as ocupações de seu ministério e caridade pastoral.

Vinte e dois anos havia que governava Tarásio a igreja de Constantinopla, sendo universalmente reputado pelo modelo mais perfeito de prelados santos e merecendo este geral conceito pela pureza irrepreensível de seus costumes, por seu zelo tão generoso e tão desinteressado e por sua fé não menos pura que inalterável, quando caiu gravemente enfermo. Conheceu desde logo que se aproximava seu fim e dispôs-se para morrer, renovando seu fervor com uma paciência heroica. Pouco antes de expirar teve uma espécie de êxtase em que se lhe ouvia como que estava respondendo a alguns que o acusavam sobre os principais passos de sua vida. O desassossego, a inquietude e a turbação que mostrava o santo prelado encheu de espanto os circunstantes, até que por fim, penetrado de confiança nos méritos de Jesus Cristo, lançou-se inteiramente nos braços de sua misericórdia. Seguiu-se então uma admirável calma às passadas agitações e rendeu tranquilamente seu espírito nas mãos do Criador. Ficou a igreja de Constantinopla submersa num tristíssimo luto por esta preciosa morte; e todos os bons a choraram com aflição inconsolável. A dor do imperador Nicéforo foi tão excessiva que, afogado em lágrimas, lançou-se sobre o cadáver do santo patriarca, exclamando com as vozes do mais vivo sentimento que havia perdido nele seu guia, seu pastor, seu pai. Não foram inferiores as demonstrações de amor, de veneração e de dor que mereceu a todo o povo. Enterrou-se o santo corpo com solenissima pompa no mosteiro dos santos mártires, que havia fundado o mesmo santo, e a multidão de milagres que obrou Deus por sua intercessão fez famoso seu sepulcro. Sucedeu a morte de São Tarásio no dia 27 de fevereiro do ano de 806.

Martirológio Romano

No Egito, a festa dos santos Vitorino, Víctor, Nicéforo, Claudiano, Dióscoro, Serapião e Papias, martirizados no tempo do imperador Numeriano. Os dois primeiros, tendo sofrido com fortaleza em defesa da fé tormentos cruéis e extraordinários, foram decapitados; Nicéforo, depois de padecer o fogo e as grelhas ardentes, foi cortado em pedaços; Claudiano e Dióscoro foram queimados; Serapião e Papias, decapitados.

Na África, os santos Donato, Justo, Herenas e companheiros, mártires.

Em Roma, a festa do santo papa Félix III, bisavô de São Gregório Magno, de quem este refere que, aparecendo a sua neta Santa Tarsila, a chamou ao reino dos céus.

Em Constantinopla, São Tarásio, bispo, célebre por sua erudição e piedade. Temos a carta que lhe escreveu o papa Adriano em defesa das santas imagens.

Em Nazianzo, São Cesário, irmão de São Gregório o Teólogo, a quem o mesmo São Gregório afirma ter visto entre os coros dos bem-aventurados.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor e pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Tarasii confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, onipotente Senhor, que nesta venerável solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice São Tarásio se aumente em nós a piedade e o desejo de nossa salvação: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do apóstolo São Paulo aos Hebreus e é a mesma do dia 12.

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Nota

«No ano de Cristo de 63, achando-se São Paulo em Roma, escreveu esta bela carta aos hebreus, isto é, aos judeus de Jerusalém e da Palestina que haviam abraçado a fé. Para confirmá-los nela, mostra-lhes com razões da sagrada escritura que a justiça não nasce da lei, mas de Jesus Cristo, que nos justifica pela fé e por seu divino Espírito. A este fim prova a divindade de Jesus Cristo, estabelecendo a verdade de seu sacrifício e a excelência de seu sacerdócio, mostrando que há tanta diferença entre o sacerdócio de Cristo e o dos sacerdotes da lei como há entre Deus e os homens.»

Reflexões

Conhecemos pouco as riquezas da bondade de Deus; é admirável o cuidado com que atende a nossas necessidades. Estabeleceu-se o sacerdócio principalmente para honrar a majestade infinita de Deus; mas o mesmo Deus quis estendê-lo também a que servisse para expiar nossos pecados e para facilitar-nos a reconciliação com sua amizade. Que bondade tão excessiva!

Nenhum pontífice se escolheu dentre os espíritos angélicos, porque *omnis pontifex ex hominibus assumptus, constituitur in iis quæ sunt ad Deum*: porque todo pontífice se escolheu dentre os homens e para os homens, quanto às coisas que se referem a Deus, a fim de que oferecesse sacrifícios por seus pecados. Aqueles puríssimos espíritos, aquelas celestiais inteligências, são muito superiores às humanas misérias para que as olhem com bastante compaixão; por isso quis Deus constituir-nos uns sacerdotes que fossem capazes de compadecer-se delas. E certamente ninguém deve compadecer-se mais dos pecados alheios que quem se sente veementemente inclinado às mesmas paixões e não poucas vezes interiormente lacerado com as mesmas misérias.

Parece que só Jesus Cristo e os homens podiam ter estas entranhas de compaixão com os pecadores. Cristo, porque, sendo Deus, conhece o barro de que nos formou e sente para conosco aquela mesma compaixão e aquela mesma ternura que um pai brando e amoroso tem para com seus filhos. Os homens, porque, estando sujeitos às mesmas paixões, sentem a força de seu peso e porque não podem deixar de compadecer-se dos pecadores, vendo-se eles mesmos obrigados a oferecer iguais sacrifícios para expiar suas próprias culpas.

O zelo duro e amargo, a rigidez inflexível na direção dos pecadores não pode nascer senão de certo fundo de orgulho, que, cegando-nos miseravelmente, nos persuade de que não somos como o resto dos homens. Os fariseus não lançavam aos demais cargas excessivas, enquanto eles não queriam sofrer o peso de uma palha, senão porque tinham os outros por grandes pecadores e a si mesmos se tinham por inocentes e justos.

A dignidade do sacerdócio é eminente; mas não é menos formidável. Quem não for chamado a ela com vocação legítima, como Aarão, não poderá com o peso de tão alto ministério: *Nec quisquam*

sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tanquam Aaron. Quando Deus dá a vocação, dá também os talentos necessários para desempenhá-la; mas quando se ascende a esta dignidade pela ambição, pelo interesse ou por outros motivos humanos; quando se sobe ao altar com aquele mesmo espírito que pôs o incensório nas indignas mãos de Coré, Datã e Abirão, não há que esperar outra sorte que a que tiveram esses infelizes. Grande sacrilégio é introduzir-se no santuário, intrometer-se nos sagrados ministérios sem legítima e casta vocação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Marcos.

Marcos 13,33-37

> **Latim:** 33 Videte, vigilate, et orate : nescitis enim quando tempus sit. 34 Sicut homo qui peregre profectus reliquit domum suam, et dedit servis suis potestatem cujusque operis, et janitori præcepit ut vigilet, 35 vigilate ergo (nescitis enim quando dominus domus veniat : sero, an media nocte, an galli cantu, an mane), 36 ne, cum venerit repente, inveniat vos dormientes. 37 Quod autem vobis dico, omnibus dico : Vigilate.

Português: 33 Estai sobre aviso, vigiai, e orai: porque não sabeis quando chegará este tempo. 34 Assim como hum homem, que ausentando-se para longe, deixou a sua casa, e designou a cada hum de seus servos a obra que devia fazer, e mandou ao porteiro que estivesse de vigia. 35 Vigiai pois, (visto que não sabeis quando virá o senhor da casa; se de tarde, se á meia noite, se ao cantar do gallo, se pela manhã,) 36 para que não succeda que quando vier de repente, vos ache dormindo. 37 O que eu porém vos digo a vós, isso digo a todos: Vigiai.

Meditação

Que só se encontra a verdadeira liberdade no serviço de Deus

Primeiro ponto

Considera o grosseiro erro com que se vive no mundo, crendo-se comumente que a devoção é uma intolerável servidão que oprime e que encadeia, porque é preciso velar e orar continuamente. Não aprisiona tanto nem com muito a vigilância das almas justas como a que indispensavelmente hão de ter os mundanos. Aquela é doce, é suave, é tranquila; esta é puramente servil e cheia de

amarguras.

Ó grande Deus, e quão inconsiderados são os homens! Buscam solícitos a liberdade e desviam-se de vós, que sois a fonte dela. Quem não serve a Deus nunca serve a um amo só; serve ao mundo, que tem suas leis; serve ao amor-próprio, que tem suas máximas; serve às paixões, todas de diversíssimas e opostas inclinações; serve aos respeitos humanos, a quem sacrifica até a mesma Religião. Servir a cem amos, que nunca estão acordes entre si, com a dura necessidade de não contentar um sem ser castigado pelos outros, é porventura ser livre?

Que sujeição mais intolerável, que maior escravidão que a que pede o mundo aos que o servem! É preciso contemplar uns, sofrer outros e depender de todos: e isto se chama liberdade!

Mas onde se achará essa amada liberdade que com tanta ânsia se busca fugindo de Deus? Em nenhuma parte do mundo se a encontra. Não está na corte, nem nas casas dos grandes; porque em nenhuma parte se vive nem com maior abatimento, nem com maior baixeza, nem com maior indignidade, nem com mais indecente escravidão. Não se acha nas dignidades, nem nos altos empregos, nem no manejo dos negócios públicos. Onde há coisa que mais oprima, que mais sujeite, que mais escravize? Um é responsável de suas ações a todo o mundo; não tem tempo para viver com os seus nem sequer consigo; numa palavra, há de ser todo de outros. Que condição mais servil que a dos negociantes? Onde a há mais intolerável que a dos que chamam os felizes do século? É a vida civil uma espécie de comércio onde, por assim dizer, cada um vende a liberdade e o sossego próprio a preço do sossego e da liberdade alheia. Enfim, tampouco se acha esta liberdade na vida privada: quantos laços a aprisionam? Quantos cuidados a oprimem? Quantas obrigações a encadeiam? Quantas atenções a têm como amarrada, fazendo-a dependente de inumeráveis gentes?

Ó filhos do século, acabai de conhecer que essa imaginária liberdade de que vos lisonjeais é uma durissima escravidão!

Segundo ponto

Considera que não há outra verdadeira liberdade senão a que gozam os filhos de Deus: *Ubi spiritus Domini est, ibi libertas* [^1]: onde está o espírito do Senhor, ali está a liberdade. Irmãos meus, diz o apóstolo São Paulo [^2], já não somos filhos da escrava, mas da livre; e é esta liberdade que nos restituiu Jesus Cristo. Faz Deus a vontade dos que o temem, quando é reta, diz o Profeta [^3]; e quando não o é, a retifica conformando-a com a sua, sem violentá-la, sem oprimi-la; e, como os justos sempre querem o que quer Deus, pode-se de certa maneira dizer que sempre fazem o que querem. Pois que outra coisa é ser livre senão fazer alguém sempre a sua própria vontade?

Livre das caprichosas leis do mundo e da tirania das paixões, isenta do violento poder do amor-próprio, que maior liberdade que a que goza uma alma fervorosa no serviço de Deus? Que mais doce consolo que não depender já do capricho de tantos amos e não ter que contentar nem que dar gosto mais que a só Deus?

Os ímpios são escravos em meio de sua imaginada liberdade, e os santos estão livres entre as cadeias e os grilhões. Quando unicamente se trata de agradar a Deus, quando se coloca toda a felicidade em servi-lo, goza-se de uma liberdade cumprida. Ah! Se conhecessem esta verdade os que tanto suspiram por ser livres, se se dignassem experimentá-la, quanto se compadeceriam, quanto chorariam a triste sorte daqueles infelizes escravos que fogem do serviço de Deus por medo de viver aprisionados!

Conheço, Senhor, este erro, lamento esta funesta sorte e choro com amargo pranto tantos anos infelizmente passados na miserável escravidão do serviço do mundo; mas confio em vossa misericórdia que hoje será o primeiro dia de minha perfeita liberdade, porque também será o primeiro de minha perfeita conversão.

Jaculatórias

> *Jubilate Deo omnis terra: servite Domino in lætitia.* Sl 95.

Homens do mundo, colocai toda a vossa glória em servir a Deus com alegria.

> *Melior est dies una in atriis tuis super millia.* Sl 83.

Meu Deus, vale mais um dia no átrio de vossa casa que mil anos nos palácios do mundo.

Propósitos

1. Sem método e sem regra na vida não pode haver devoção verdadeira, ou ao menos perseverante, porque as devoções inconstantes e ligeiras não são a propósito para fomentar a virtude. Esta ordem de vida, esta espécie de exatidão nas distribuições diárias, representa-se gravosa aos que não a conhecem mais que por notícias ou pela falsa ideia que forja o amor-próprio, inclinado sempre a uma aparente e mal entendida liberdade. Não incorras em tão grosseiro erro e persuade-te de que a liberdade verdadeira é herança legítima da vida uniforme e regular. É preciso que o juízo esteja transtornado e o coração corrompido para encontrar gosto em viver sem ordem e para que se figure amável a confusão. Se queres viver piedosa e cristãmente, é preciso fazer com regra todos os exercícios e todas as ações; assinalar hora fixa para levantar-te e para deitar-te; para a oração da manhã e para as devoções da noite; para a lição espiritual; numa palavra, para todas as funções ordinárias do dia, sem dispensar nem alterar jamais esta regra, não havendo motivo grave e legítimo. Esta regularidade oprimirá algum tanto o amor-próprio; mas que importa, se com ela se conserva e se aumenta a virtude!

2. A noite se fez para o repouso e o dia para o trabalho. O pai das trevas é o inventor daquela moda que tudo transtorna, fazendo da noite dia e do dia noite. Precisamente porque lhe agrada tanto esta inversão, conhece-se quão nociva é para a alma. Evita quanto puderes esta desordem, concede ao sono e ao descanso o tempo necessário; mas madruga pela manhã. Quase não há coisa que mais vezes nos aconselhe o Espírito Santo que esta importante diligência. Pelo Eclesiástico nos diz [^4]: O justo se levantará ao amanhecer e oferecerá seu coração a Deus. Parece que as orações feitas ao Senhor pela manhãzinha lhe são sempre mais gratas e são mais eficazes [^5]. *Qui mane vigilant ad me*, diz pelo Sábio, *invenient me*: Os que velarem e me buscarem ao amanhecer, indefectivelmente me acharão. Deus está sempre pronto para assistir aos que o buscam, *mane diluculo*, muito de madrugada, diz Davi [^6]. Assim o praticava o mesmo santo monarca: Interrompei-me, Senhor e Deus meu, o sono ao mesmo romper do dia, para que medite em vossas divinas perfeições [^7]. Aos primeiros alvores do dia, diz em outra parte, no instante me porei sempre em tua presença para implorar tua misericórdia: *Mane adstabo tibi.* O mesmo fizeram todos os santos, e esta é a prática inconcussa, indispensável de todas as comunidades religiosas; pelo que, desde hoje em diante, hás de fazer propósito de que também o seja tua. Levanta-te todos os dias muito cedo, porque esta diligência é sinal de alma fervorosa. Vergonha é, diz o Sábio, que o sol ao sair nos encontre profundamente adormecidos.

[^1]: 2 Cor 3 (indicação "Cor. 3" no OCR). [^2]: Gl 3 (indicação "Galat, cap. 3" no OCR). [^3]: Sl 114 (indicação do OCR). [^4]: Eclo 39 (a indicação aparece solta no início do dia 26 no OCR). [^5]: Pr 8 (a indicação aparece solta no início do dia 26 no OCR). [^6]: Sl 45 (a indicação aparece solta no início do dia 26 no OCR). [^7]: Sl 26 (a indicação aparece solta no início do dia 26 no OCR).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:20 by Admin